

Giovanna Letícia V. Isidoro & Nayara Gisele Borges Ferreira da Silva

# VIVENCIANDO A INFÂNCIA DE TERREIRO

UM DIA COM AS CRIANÇAS DO ILÊ INSTITUTO DONÉ ELEONORA



PORTICUS





# APRESENTAÇÃO

Geledés Instituto da Mulher Negra está conduzindo a segunda etapa do projeto **“Primeira Infância no Centro: garantindo o pleno desenvolvimento infantil”**, iniciado em 2021. Desde então, o projeto promove ações voltadas para garantir os direitos de crianças negras, indígenas, quilombolas e de terreiros, com o objetivo de elaborar e implementar políticas públicas que revertam as condições de vulnerabilidade enfrentadas por essas crianças desde o início da vida.

# GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA

**GELEDÉS Instituto da Mulher Negra** foi fundada em 30 de abril de 1988. É uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que são segmentos sociais que padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira.

Posiciona-se também contra todas as demais formas de discriminação que limitam a realização da plena cidadania, tais como: a lesbofobia, a homofobia, os preconceitos regionais, de credo, opinião e de classe social.

Dessa perspectiva, as áreas prioritárias da ação política e social de Geledés são a questão racial, as questões de gênero, as implicações desses temas com os direitos humanos, a educação, a saúde, a comunicação, o mercado de trabalho, a pesquisa acadêmica e as políticas públicas.

Em todos esses temas, Geledés desenvolve projetos próprios ou em parceria com outras organizações de defesa dos direitos de cidadania, além de monitorar no Portal Geledés o debate público que ocorre sobre cada um deles no Brasil e no mundo.

## Ilê Axé Omo Oya Bagan e Odê Ibô e Instituto Doné Eleonora

O Ilê Asé Omo Oya Bagan Odê Ibô foi fundado pela sacerdotisa Mãe Eleonora de Oya, nascida em 1962 no Rio de Janeiro, morou dois anos em Brasília e em 1979 veio para São Paulo na Cidade de Hortolândia. Foi iniciada no candomblé aos 12 anos de idade, em 1974, filha dos orixás Iansã e Oxóssi.

Em 1994 deu início a sua casa de asé com a própria família: mãe, irmãos, sobrinhos e seu filho, o alabê ogan Rodrigo. Hoje o seu neto Murilo Alagum, do orixá Oxoguiã, é o herdeiro do Ilê asé. Sua casa de candomblé, além de cuidar das pessoas no contexto espiritual, sempre se preocupou com as tradições e o legado cultural de nossos ancestrais africanos. Com a festividade Domingo Feliz, desde o início trouxe crianças para a festa de erê que tinha um dia especial de muitas brincadeiras e contato com elementos das tradições como caruru por exemplo, dando assim uma ideia de criar o Projeto Caminhos em 2003, que e tornou Ponto de Cultura Caminhos em 2009 através de um edital da cultura do estado.

Atualmente o Instituto Doné Eleonora vem com iniciativa de transformar e potencializar todas as ações já realizadas pelo “Ponto de Cultura Caminhos” que é um Território já consolidado há mais de 20 anos na cidade de Hortolândia, ressignificado por nossa Ancestral Doné Eleonora que é uma grande referência na militância cultural com suas ações contínuas, em oficinas formativas e eventos culturais, como Grito Cultural Rodas de Diálogo e Concurso Miss Beleza Negra com visibilidade e articulação intensa na municipalidade e na região. A iniciativa sempre foi independente e funciona com recursos próprios, ou executa projetos pontuais de editais vigentes.

Em seu território, sempre teve como foco a identidade e a ancestralidade africana de crianças e adolescentes negras no processo de inclusão social, bem como difundir a todas as comunidades a beleza e riqueza dessa pluralidade cultural afro-brasileira. Nossas iniciativas sempre procuraram desmistificar a cultura afro, propiciando oportunidade de conhecimento de suas lendas e histórias, com o Grupo de Dança e Percussão Afro Tribal de Contemporânea Oju Obá, e a Banda Ori que canta Ritmos Baianos e MPB, promovendo com isso a redução do racismo religioso e cultural, e temos tido bons frutos dessa atuação com engajamento e criatividade.

Dentro do Instituto temos ações de Economia Criativa que são o Espaço Gourmet Flor do Dendê, um restaurante que trabalha com a culinária afro Brasileira e com eventos temáticos como por exemplo o samba com o Projeto Conversa de Butiquim no Terreiro de Mainha que tem mais de 7 anos e recebe toda segunda feira cerca de 120 pessoas no espaço, temos um buffet afro e Baianas Receptivas associadas na ABAM (Associação Nacional das Baianas de Acarajé), a Griffé Criolê, moda afro e identitária e o Espaço Yayá com tranças afro, moda cosméticos e decoração e que as mulheres que expõem nesse espaço são empreendedoras e fazem parte das ações do Instituto.

## **Integrantes do Instituto do Grupo e do Asé**

### **Pai Rodrigo ou Ogã Rodrigo de Logum Edé**

Filho de Mãe Eleonora Produtor Cultural do Instituto e oficinairo e Percussionista responsável pelo Grupo de Dança e Banda Ori e empreendedor

### **Mãe Pequena Eliana do Ogum**

Responsável pela Griffé Criolê e Percussionista e empreendedora

### **Babà Ebè Felipe d’Lufan**

Dançarino e Vídeomaker

### **Ekedji e Yabasse Suzana Avila Iemanjá**

Coordenadora dos projetos do grupo de dança e responsável pela Cozinha do Flor do Dendê e empreendedora

### **Ekedji Suelen Nanã**

Mentora oficinaira, empreendedora e responsável pela contabilidade dos projetos

### **Ekedji Izabella Yewa**

Dançarina oficinaira, empreendedora e Mãe Criadeira do Asé

## **Percussão do grupo e Banda Ori**

**Ogã Silvio Torres Airá**

**Ogã João Vitor Akoerã**

**Yawo Ailton Moraes Aganju**

## **Crianças e Dançarinos do Grupo**

Murilo Alagum Oxoguiã - Herdeiro do Asé  
Yawo Carlos Eduardo Oxoguiã - dançarino  
Abyã JP João Pedro de Oxoguiã  
Ekedji Samira Ekede de Iemanjá  
Ebomi Arthur Obaluaê

Ekedji Larissa Iemanjá  
Yawo Heloísa Obá  
Ekedji Izabel Oxum  
Yawo Jorge Obaluaê  
Yawo Luan Kemii Oxum

## **Colaboradores das atividades e ações do Instituto**

**Ogã José Ivan Oxoguiã**  
Mestre de tradição oral

**Yawô Inayara Oxoguiã**  
Oficineira

**Ekedji Adriana Moraes Oxoguiã**  
Advogada

**Ywaô Carolina Sanches Oya**  
Oficineira

**Ogã Fabiano Fantin Oxossi**  
Oficineira e cerimonial

**Yawô Sônia Ogum**  
Pedagoga e oficinaira

**Ebomi Queila Iemanjá**  
Oficineira

**Yawô Liz Helena Oxossi**  
**Yawô Jaqueline Oxum**  
**Yawô David Ossaim**  
Suporte

**Ekedji Inaie Palhares Oxoguiã**  
Influencer Digital e Oficineira

**Ogã Luiz Claudio Oxoguiã**  
Oficineiro

**Abyã Fernanda Akemii**  
Social Midia oficinaira

**Abyã Gabriela Costa**  
Antropóloga oficinaira

**Silvia Ramos**  
Professor de Atendimento de Educação  
Especial - AEE

**Abyã Luciano Medina**  
Jornalista

*Todos os membros do coletivo são filhos do Ilê .*

# AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS ESTÃO ESTRUTURADAS EM TRÊS EIXOS PRINCIPAIS



## ARTICULAÇÃO

Diálogos comunitários e ações formativas que promovem a compreensão dos direitos das crianças e da política vigente para a primeira infância, além de atender às demandas e recomendações da população para aprimorar essas políticas.

## CONTROLE SOCIAL

Envolve o levantamento de dados, a sistematização de informações e o monitoramento das políticas públicas para a Primeira Infância nos diferentes níveis de governo, com o objetivo de identificar avanços e retrocessos na garantia dos direitos das crianças.

## PÚBLICO COM CRIANÇAS NEGRAS E INDÍGENAS

Por meio de documentos públicos, são apresentadas diretrizes e ações destinadas a tomadores de decisão e implementadores de políticas públicas, com o intuito de adequar as políticas de primeira infância à equidade racial.



No âmbito do Com-  
promisso Público com Crianças  
Negras e Indígenas, promovemos,  
no **Ilê Instituto Doné Eleonora**, em  
Hortolândia/SP, a atividade “**Dia da Criança**”,  
que nos permitiu vivenciar a alegria das crianças  
de axé. Realizada em 24 de agosto de 2024, essa  
iniciativa teve como principais objetivos fomentar a reflexão  
sobre as condições de vida das crianças em todo o mundo,  
reafirmar o direito das crianças de terreiro a uma vida livre de  
violência racial e religiosa, e convocar a sociedade a respeitar e asse-  
gurar os direitos de todas as crianças, incluindo as de terreiros.

A vivência no Ilê Instituto Doné Eleonora, conduzida por Giovanna Isidoro e  
Nayara da Silva, **destacou a importância de reconhecer e valorizar as infâncias de  
terreiro**, a partir da perspectiva das próprias crianças. É essa experiência que  
compartilhamos a seguir.

DE TERREIRO APRENDENDO COM CRIANÇAS

Este relatório visa apresentar uma aproximação reflexiva sobre a vivência com as crianças de terreiro, por meio da escrita narrativa dialógica. Adotamos uma perspectiva pedagógica que se construiu a partir de mini-histórias oriundas dos diálogos estabelecidos com as crianças no espaço do Ilê - Instituto Doné Eleonora.

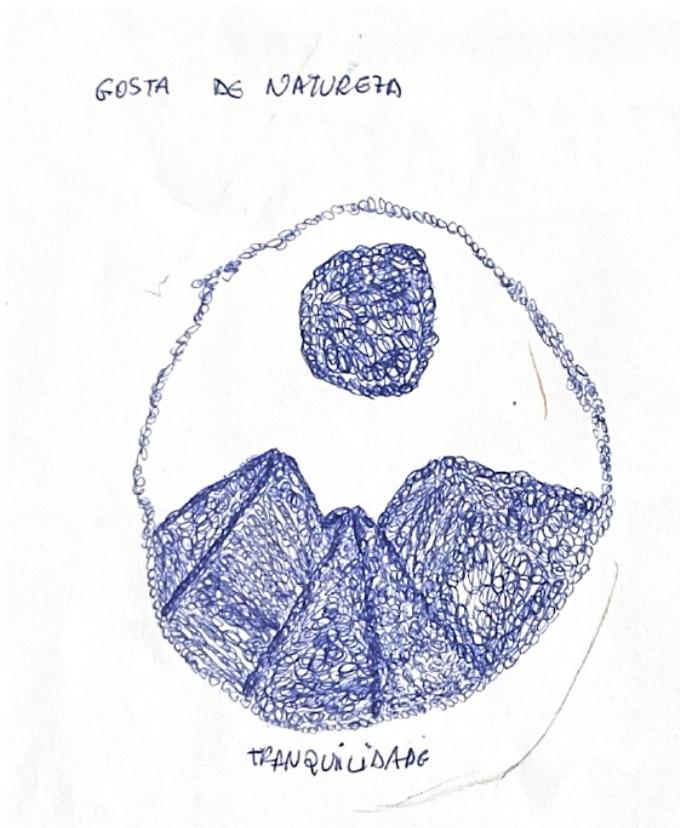
Nós, duas pedagogas negras — uma já graduada e a outra em fase final de formação —, recebemos o convite para conduzir as atividades a serem desenvolvidas com as crianças do terreiro. Desde o início do planejamento, nos dedicamos a uma fase de intensa pesquisa, marcada por momentos de incerteza quanto ao conteúdo e às abordagens mais adequadas para trabalhar com essas crianças, visto que o espaço do terreiro era, até então, parcialmente desconhecido para nós. No entanto, um ponto norteador se destacou ao longo do processo e nos guiou: antes de pertencerem ao terreiro, essas crianças eram, acima de tudo, crianças. Crianças que brincam, correm, questionam e espalham sua alegria e sabedoria por onde passam.

A partir desse princípio, estruturamos as atividades com base em questões centrais que nos ajudaram a compreender melhor o universo dessas crianças:





- O que significa ser criança?
- Qual é a experiência de ser uma criança de terreiro?
- De que forma essas crianças expressam suas vivências?
- Quem são elas e quais são suas singularidades?
- Como constroem suas interações e participam do espaço do terreiro?
- De que modo constroem sua noção de poder?
- Como se relacionam com outros espaços,
- Como a escola, parques e o bairro onde vivem?
- Existe uma consciência de pertencimento racial?
- Qual é a principal dificuldade enfrentada: o racismo religioso ou o racismo racial?



A chegada a um espaço desconhecido geralmente desperta um misto de curiosidade e inquietação, ou até mesmo a sensação de não pertencimento. No entanto, ao adentrar o Ilê, essa impressão logo se dissipou. A sensação foi de um acolhimento imediato; o ambiente nos envolvia com cada gesto, sorriso e palavra de boas-vindas. As obras no local desenhavam, nos olhos de quem entrava, uma espécie de tela, trazendo à tona uma conexão íntima com a ideia de lar.

Sendo um terreiro, todos ali trajavam vestimentas tradicionais, em respeito aos seus orixás. As crianças, também vestidas de acordo com seus orixás, carregavam seus fios de contas com naturalidade. O cuidado coletivo se refletia em cada detalhe, desde o café até a organização do espaço, tudo parecia uma extensão desse zelo compartilhado. Aquele lugar, que antes nos era desconhecido, tornava-se cada vez mais familiar e representativo, à medida que se apresentava acolhedor e significativo.



V I V  
A S E  
I O N

Antes de iniciarmos o momento com as crianças, fomos acolhidas pela Ekedji Suzana, que nos mostrou o espaço organizado para a atividade e nos apresentou brevemente às crianças, destacando a individualidade de cada uma, bem como as organizações e hierarquias presentes na dinâmica e nação do terreiro. Um ponto relevante que ela mencionou, e que se evidenciou durante nossa vivência, foi o papel de Murilo, herdeiro do terreiro, além das Ekedis, que desempenham uma função importante no espaço e, para simbolizar a responsabilidade e cargo que possuem, usam sandálias de salto. A hierarquia é um elemento importante nas religiões de matriz africana, especialmente no candomblé. Essa relação hierárquica era perceptível ao longo da vivência, com as crianças compreendendo e respeitando os atributos estabelecidos sem a necessidade de intervenção ou mediação dos adultos, parecendo algo natural e rotineiro entre elas.

Demos início à vivência com as crianças, chamando-as para o espaço, enquanto os adultos presentes permaneceram do lado de fora. O primeiro momento de centralidade foi construído em torno da roda, uma prática que carrega uma forte conexão ancestral, marcada pela troca, pela possibilidade de ver e ouvir o outro em uma esfera de compartilhamento. A roda é um símbolo importante dentro do terreiro. Já pretendíamos realizá-la, mas as crianças, de forma espontânea, começaram a se organizar, dizendo que precisávamos dar as mãos e sentar, o que fizemos de forma orgânica e natural.

Essa conversa inicial foi pensada como uma introdução leve para o momento de troca e apresentação. Relatamos às crianças que era a nossa primeira vez em um terreiro e que conhecíamos pouco sobre o ambiente. Elas nos acolheram de maneira tranquilizadora, dizendo que nos ensinariam e, prontamente, se dispuseram a nos mostrar um pouco do que é o candomblé e o espaço em que estavam.

Destacamos a importância da franqueza nesse diálogo, pois foi a partir dele que as crianças mudaram o olhar e passaram a nos enxergar como curiosas e dispostas a aprender com elas. Logo, todos queriam falar ou mostrar algo, como quem detinha muitos conhecimentos, disputando o espaço com as duas adultas que nada sabiam.

É comum e normalizada a ideia de que apenas o adulto ocupe o espaço de educador, como detentor do saber. Contudo, nesse momento com as crianças, ocorreu o oposto: estabelecemos uma relação de igualdade. Embora tivéssemos levado atividades para serem realizadas, conseguimos colocar as crianças no centro da vivência, oferecendo-lhes o protagonismo a partir de sua própria perspectiva. O fato de não conhecermos o terreiro talvez tenha contribuído para a construção de uma experiência de troca e aprendizado enriquecedora. Gostamos muito da perspectiva *griô* e tivemos a oportunidade de nos conectar com diversos *griôs* infantis de terreiro naquele espaço.

Iniciamos, então, uma verdadeira aula de história e ancestralidade viva com aqueles pequenos, cujas memórias já continham grandes enredos. E, em suas narrativas pessoais e contação de si, traziam também seus Orixás. Percebemos uma forte identificação das crianças com seus Orixás, além de um reconhecimento do outro por meio deles. Elas conheciam o Orixá dos amigos e sabiam o que cada um representava. Assim, há um atravessamento e entrelaçamento entre identidade e cultura. Não se trata apenas de uma criança com preferências como desenhar, correr, brincar de video-game, boneca ou jogar bola, mas também de uma criança que carrega consigo o pertencimento a um Orixá e se representa a partir dele.

A cada momento, nos deparávamos com uma nova informação acessada por meio do repertório coletivo, construído em experiências anteriores, mas também tecido em tempo real. Quando uma informação escapava à memória, logo recorriam a um amigo que a complementava. A naturalidade e familiaridade com os Orixás estabeleciam uma relação de pertencimento e identificação, que revelava uma construção clara de si. Frases como “é porque ela é de Yemanjá” exemplificam partes dessa construção pessoal e também do outro.

Optamos por não ter o espaço apresentado pelos adultos, uma vez que a atividade visava destacar as perspectivas e vozes das crianças. Assim, após esse primeiro momento, partimos para o tour guiado por elas. A ideia era que nos levassem aos espaços do terreiro de que mais gostavam. O primeiro espaço visitado foi o “Ponto de Cultura”, que também conta com um pequeno canto infantil para as crianças, além de uma rica biblioteca, computadores e o local onde são guardados os instrumentos. As crianças rapidamente começaram a se organizar, buscando os cantinhos que mais apreciavam. Um grupo foi para o espaço com tatames e espelhos, contando que ali ensaiavam os instrumentos. Algumas já demonstravam vontade de tocar para nos mostrar, enquanto outras iniciaram o ensinamento de alguns cantos e danças realizados para cada Orixá.

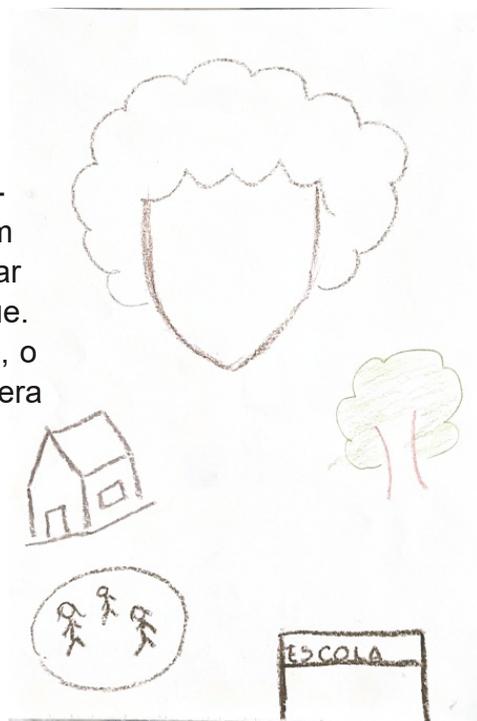
Esse movimento de troca se intensificou, e percebemos como estavam felizes e à vontade para ensinar. Eles replicavam o que os adultos lhes mostravam e já nos haviam dito que o aprendizado ocorria pela observação de outros realizando algo. Assim, foi proposto pelas crianças: elas nos pediam para observar e fazer igual, e, mesmo que não saísse exatamente igual, diziam que era só continuar, pois uma hora daria certo. Percebemos também que as crianças mais novas se interessam pelo cantinho dos livros, pegando diversas histórias para nos mostrar. Observamos que a maioria dessas histórias trazia elementos do folclore e da mitologia.

Apesar do livre acesso ao espaço, as crianças sabiam identificar os momentos em que os adultos precisavam dele e respeitavam esse tempo. No entanto, podiam entrar a qualquer momento, sem necessitar de permissões. O terreiro recebe pessoas de todas as idades, e as crianças partilham o espaço com os adultos, mas demonstram que o canto projetado para elas representa um lugar de forte pertencimento e acolhimento, já que conheciam e sabiam onde estavam todos os elementos, além de entenderem a importância de manter tudo organizado para seu uso.

As crianças continuaram bastante animadas, querendo nos mostrar tudo e contar a história do terreiro e de seus Orixás. Surgiu, então, a necessidade de tocar os atabaques, e fomos levadas para o espaço onde ocorrem as rodas do candomblé. Rapidamente, elas começaram a se organizar, pegando os instrumentos e decidindo quem iria tocar e quem iria dançar. Após a organização, iniciaram a música, a dança e o canto, recriando as representações dos cultos e rituais do candomblé. Passamos um bom tempo ali, apreciando e aprendendo com os pequenos. Os adultos não intervieram nem mediarão o momento; o protagonismo era inteiramente das crianças, que demonstraram grande familiaridade com o que acontecia. Algumas, que não participaram diretamente, nos explicavam o significado dos cânticos e a organização em curso. Ficou evidente que todos compreendiam o que se passava, participando ativamente do espaço e dos acontecimentos diários, indo além de uma mera imitação da realidade adulta.

Ainda visitamos uma pequena fonte com peixes, que as crianças observavam, tentando adivinhar quando eles se moveriam. Embora não tenhamos saído do espaço do portão, mostraram-nos a rua desenhada, explicando que gostam de correr e jogar futebol ali quando é possível. Após as apresentações, propusemos um *tour* por Hortolândia utilizando imagens representativas da cidade. Levamos fotos de praças e de algumas escolas, perguntando às crianças se já haviam frequentado esses lugares. A maioria disse não conhecer as praças, mas alguns adultos nos informaram que atividades do terreiro já haviam ocorrido nesses espaços, e que as crianças apenas não se lembravam de ter entrado ou do local exato das fotos.

Em relação às escolas, as crianças responderam que não estudavam nas instituições mostradas. Explicamos que deveriam considerar as imagens como representações e perguntamos se gostavam do ambiente escolar. Algumas crianças mencionaram que sim, pois tinham amigos na escola. No entanto, notamos um movimento contrário entre as crianças mais velhas, que afirmavam que a escola ficava longe, era demorada para chegar e que não havia mais tempo para brincar no parque. Elas viam a escola como um espaço de obrigações, o que mostrava que, para muitas, a infância ali não era sempre plural.



“Aqui no terreiro, a gente vê e aprende as histórias das pessoas pretas. Na escola, também aprendemos história, mas não é a mesma”

Conversa com Samira

Ao aprofundarmos a conversa, algumas crianças comentaram que tinham poucos amigos na escola e que o ambiente não era tão acolhedor, principalmente por ser um espaço onde não se falava sobre o candomblé nem sobre a história da África e afro-brasileira.

Ao observarmos as falas das crianças, percebemos que a escola tem conhecimento de que elas são crianças de terreiro, mas essa realidade não é tratada no ambiente escolar. Questionamos se já haviam usado roupas brancas no espaço escolar e obtivemos a resposta de que, na escola, é obrigatório o uso do uniforme. As crianças demonstram uma dualidade em relação ao espaço escolar.

Notamos que, especialmente os mais novos, apreciam muito a escola e manifestam a necessidade de interagir com o ambiente e com outras pessoas que o frequentam. Elas expressam, em particular, grande interesse pela leitura e pelos estudos. Milene, por exemplo, fez uma observação significativa ao afirmar que, para ler todos os livros disponíveis no Ponto de Cultura, é preciso primeiro aprender a ler na escola.

Contudo, percebemos que, à medida que essas crianças crescem e desenvolvem um entendimento mais profundo de suas identidades, tanto como membros do candomblé quanto como crianças negras, algumas questões importantes passam a ser pouco abordadas, ou até mesmo esquecidas, no espaço escolar mostravam um cartaz com fotografias das comidas produzidas ali, recebemos uma resposta tocante:

“A professora tava falando sobre heróis da história, alguns lá, e eu falei de Zumbi de Palmares. Você acredita que ninguém sabia? Eu fiquei chocada.

Conversa com Samira

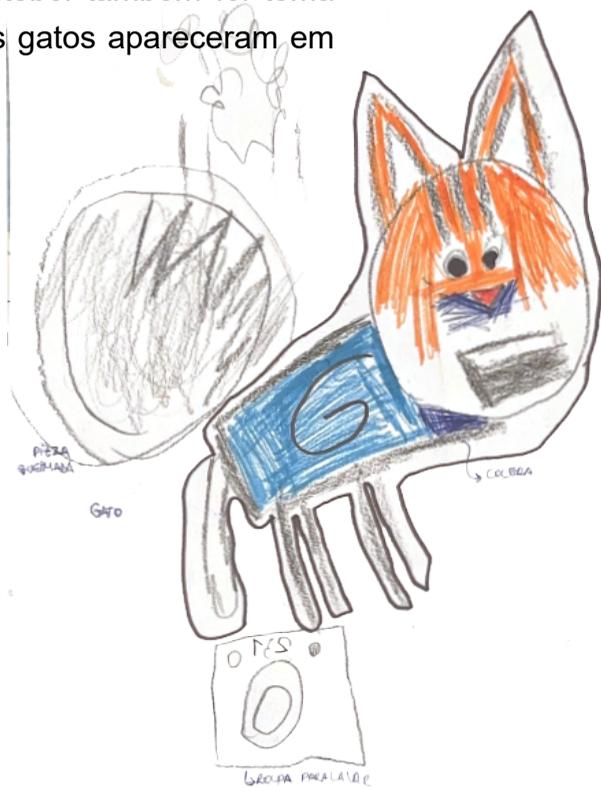
A construção dos saberes e conhecimentos acerca da história envolve e abrange outras vertentes, além das eurocêntricas, muitas vezes predominantes nos currículos escolares. As crianças pareciam já perceber esse movimento, refletido nos choques com a realidade expressos em suas falas, principalmente ao mencionarem o preconceito religioso. Elas relatam, por exemplo, que a professora não gostava e nem falava de candomblé na escola. Esse apagamento e a invisibilidade de outras construções de infância no espaço formativo escolar parecem afetá-las diretamente. No entanto, as crianças sabiam se posicionar de alguma forma e estavam abertas a ensinar e compartilhar o que sabiam, como fizeram durante todo o dia conosco.

Durante a conversa, percebemos que as crianças preferiam nos contar sobre o espaço do terreiro e tudo o que conheciam ali. Então, decidimos encerrar essa parte da conversa e trouxemos os materiais que haviam despertado grande interesse nelas ao chegarmos: lápis de cor e folhas. Propusemos que desenhassem um espaço que gostavam ou onde gostariam de estar, imaginando como seria o espaço ideal para elas. Esse momento foi muito importante, pois nos permitiu realizar conversas individuais enquanto as crianças estavam concentradas. Elas ficaram muito animadas com os lápis e o giz de cera em tons de pele, o que gerou grande alegria ao testarem as diversas cores e perguntarem se correspondiam ao tom de suas peles.

Os desenhos foram marcados por uma diversidade notável: algumas crianças retrataram o jogo Minecraft, que gostam de jogar; outras desenharam restaurantes que frequentam;



A escolinha de futebol também foi tema de alguns trabalhos; e os gatos apareceram em diversos desenhos.



Além disso, as duas crianças que têm Yemanjá como seu orixá de cabeça desenharam sua figura

Enquanto as crianças desenhavam, buscamos estabelecer diálogos individuais com cada uma, retomando as questões levantadas no início. Perguntamos especialmente sobre como era para elas vivenciar outros espaços. A cada conversa, ficava mais evidente que o terreiro desempenha um papel fundamental em suas vidas, pois elas o ocupam diariamente e, muitas vezes, experienciam outros ambientes por meio das ações promovidas ali.

Observamos também a construção de uma identidade sólida nesse ambiente, que as ajuda a lidar com as dificuldades enfrentadas fora dele. Essas questões são discutidas frequentemente dentro do terreiro. Notamos ainda que as crianças falam com muita serenidade sobre o racismo, tanto racial quanto religioso. Embora reconheçam o quanto isso é doloroso, demonstram uma compreensão profunda sobre os temas. Nas conversas, refletimos sobre a necessidade de que esses outros espaços, além do terreiro, sejam verdadeiramente plurais, incorporando livros e imagens representativas que não se limitem à cultura eurocêntrica.

Chegou então o momento do almoço, e antes da pausa as crianças nos ensinaram a brincadeira “*corre cotia*”, com uma variação um pouco diferente da que conhecíamos.

"Corre cotia, casa da tia.

Corre, cipó, na casa da vó.

Lencinho na mão, caiu no chão.

Moça bonita do meu coração

Pode jogar? Pode!

Ninguém vai olhar? Não!"

Após algumas rodadas brincando fomos chamados para o almoço.



As crianças já haviam se organizado nos lugares onde iriam sentar, mas, como faltaram alguns espaços, duas delas acabaram se acomodando conosco. Foi um outro momento muito especial de trocas. Elas nos perguntavam se jogávamos, comentavam sobre outros colegas e traziam outras curiosidades. Além disso, fizeram algumas perguntas sobre nossa permanência no espaço:

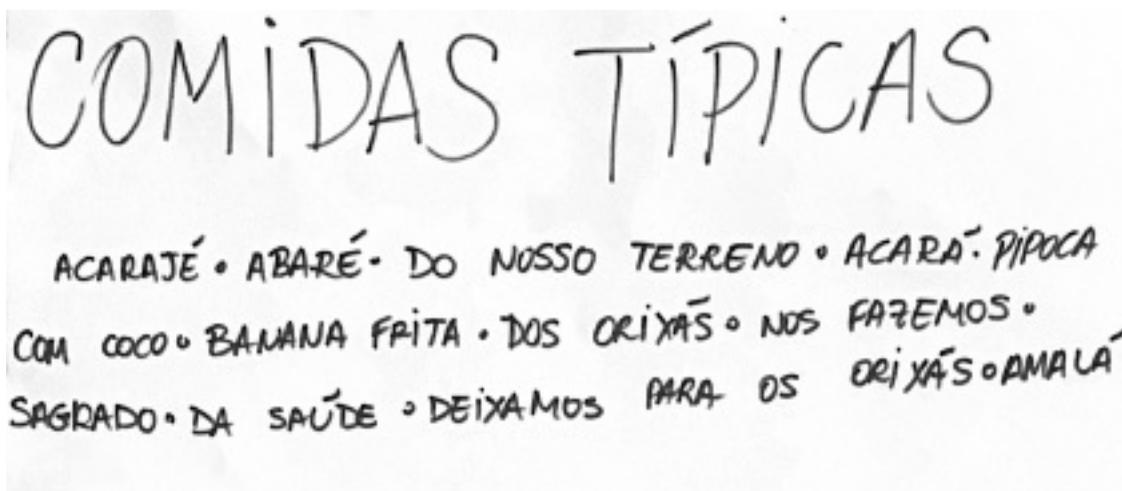
"Vocês já vão embora?  
Não vai ter mais atividade?"

"Vocês vão dar  
mais aula?"

A partir desse diálogo, surgiu uma reflexão, e perguntamos se elas realmente achavam que estávamos dando aula. Elas pensaram por um instante, riram entre si e responderam que não, que, na verdade, quem estava aprendendo éramos nós. Sem hesitar, concordamos.

Após o almoço, retornamos para mais um momento com as crianças. Elas estavam um pouco mais dispersas e ansiosas pela apresentação de dança que se aproximava. Ainda assim, conseguimos realizar a atividade em que nos apresentaram os quadros dos orixás, contando a história de cada um. Propusemos, então, a construção de um dicionário com algumas palavras que marcaram nosso dia juntos: religião, comida e infância.

Finalizamos essa parte para que pudessem se preparar para o momento da dança. Enquanto esperávamos sentadas, as crianças brincavam de correr pelo espaço com uma bolinha de papel que havíamos feito. Mesmo correndo, elas respeitavam o ambiente sagrado, evitando pisar no centro, onde estavam assentados os orixás, e tomando cuidado para não acertar os quadros e objetos presentes no local.



Chamou-nos muita atenção a reflexão sobre a palavra “religião”. As crianças começaram mencionando a pluralidade de religiões existentes antes de definir o que era a religião delas em particular. A primeira religião citada foi o cristianismo, com a explicação de que não existe apenas uma religião. A palavra “comida” também despertou muitos significados, e as crianças associaram-na à comida dos orixás e à comida que traz saúde para elas.

A apresentação das crianças, feita para as outras pessoas do espaço, foi emocionante. Envolveu-nos em todas as esferas do terreiro, reconectando-nos com as histórias que elas contaram ao longo do dia, fazendo-nos sentir novamente acolhidas e presentes.

OS  
DAS VIVÊNCIAS  
IMPACTOS

A vivência com as crianças no terreiro foi uma experiência profundamente transformadora, marcada por aprendizados e trocas significativas. Desde o momento do convite, elaboramos diferentes possibilidades de ação, embora tenhamos enfrentado desafios em conceber a condução das atividades, especialmente pelo fato de nunca termos estado em um espaço de terreiro anteriormente. A diversidade etária das crianças também nos trouxe inquietações, particularmente sobre adequação de nossas propostas. Contudo, no dia da vivência, pudemos observar de forma concreta como cada elemento apresentado adquiriu um sentido único para as crianças, inclusive para as mais jovens, demonstrando o quanto o ambiente do terreiro é propício à ressignificação e à participação ativa.

Ao refletirmos sobre as propostas desenvolvidas e o olhar voltado para a construção de políticas públicas direcionadas às crianças, emergiram algumas questões cruciais que demandam uma análise mais cuidadosa:

# I. ESPAÇOS ESCOLARES E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA



Uma das principais observações foi a constatação de que, no ambiente do terreiro, as crianças constroem uma identidade rica e multifacetada, o que se manifesta em diversos momentos de interação. Ao questioná-las sobre suas experiências na escola, emergiram opiniões diversas. Algumas crianças relataram que apreciam o espaço escolar, enquanto outras trouxeram questões relacionadas ao racismo, refletindo sobre quais histórias são contadas e legitimadas dentro da escola. Essa percepção está diretamente ligada à construção de narrativas que, muitas vezes, não contemplam a diversidade cultural e racial das crianças, o que pode levar ao apagamento de suas experiências enquanto sujeitos negros. Ademais, foi perceptível o impacto que o ambiente escolar tem sobre a vivência da infância, uma vez que algumas crianças demonstraram que, ao longo das etapas educacionais, o ser criança vai sendo gradativamente apagado. Outro ponto relevante diz respeito à relação com os educadores. Observamos que nem sempre há um acolhimento adequado, o que se refletiu na surpresa demonstrada pelas crianças ao perceberem que nós, professoras, estávamos em posição de igualdade com elas naquele espaço, ocupando, inclusive, a figura de aprendizes.

## 2. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E CIDADANIA



Outro aspecto que chamou atenção foi o relato das crianças sobre a participação em uma atividade de apoio a uma candidatura, promovida pelo terreiro. Esse envolvimento evidencia que elas não apenas ocupam um espaço de direito, mas também estão engajadas na construção de seus próprios direitos e na luta por elas. Essa experiência reforça a importância de espaços que promovam a inserção política desde cedo, permitindo que as crianças compreendam e participem ativamente das discussões e decisões que impactam suas vidas. A participação no apoio à candidatura afirma, portanto, uma consciência cidadã em desenvolvimento, o que é crucial para a formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade.

### 3. LITERATURA, CULTURA E REPRESENTATIVIDADE



A vivência também trouxe reflexões importantes sobre a relação das crianças com a leitura e o conhecimento. No terreiro, existe um espaço dedicado à cultura, no qual as crianças têm acesso a diversos livros. Elas demonstraram um grande apreço por esse espaço e pelos livros disponíveis, o que reforça o papel da literatura como ferramenta de construção de identidade e de fortalecimento cultural. No entanto, foi ressaltada a importância de que essas literaturas sejam representativas, ou seja, que acolham e reflitam as identidades das crianças. Essa necessidade nos levou a refletir sobre o processo de construção do conhecimento e, a partir das falas das crianças, identificamos a urgência de reconstruir o vocabulário utilizado no cotidiano, de forma a abarcar a pluralidade de infâncias e culturas.

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

V857

Vivenciando a infância de terreiro: um dia com as crianças do Ilê Instituto Doné Eleonora [recurso eletrônico] / idealizadoras Giovanna Letícia V. Isidoro, Nayara Gisele Borges Ferreira da Silva; coordenação geral Suelaine Carneiro. – São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2025.

PDF 27p.:il.

ISBN: 978-85-62750-11-3

1. Crianças de terreiros. 2. Primeira infância. 3. Crianças negras. 4. Educação básica. 5. Lei 10.639/2003. I. Carneiro, Suelaine. II. Geledés Instituto da Mulher Negra. III. Título.

CDD: 370.89981

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Crianças : Aspectos sociais : Educação 370.89981

Lucineia Pereira Ribeiro – Bibliotecária – CRB-8/10400